

ANTROPOLOGIA-VÍVIDA – A ANTROPOLOGIA VIVIDA DE KARINA KUSCHNIR, O ENCONTRO DA ANTROPOLOGIA E O DESENHO: METODOLOGIAS SENSÍVEIS

HERISON DE CARVALHO SILVA¹;

FLÁVIA MARIA SILVA RIETH²

¹Universidade Federal de Pelotas – herison.silva4@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este presente trabalho se deu a partir da disciplina de Antropologia V (Antropologia Brasileira), dos cursos de Bacharelado e Licenciatura de Ciências Sociais, no semestre 1 de 2025.

No decorrer da disciplina foi proposto pela professora, orientadora deste trabalho, fazermos um exercício de pesquisa no campo da antropologia nacional, relacionando o conceito de “teoria vivida” ou “antropologia vivida”, da antropóloga Mariza Peirano (PEIRANO. 2006). Buscamos fazer uma antropologia da antropologia, articulando as trajetórias social e acadêmica da autora na construção do conhecimento.

Foi solicitado, ainda, relacionarmos aos campos de interesse/pesquisa particulares que já desenvolvemos ao longo do período de nossa formação. No meu caso, sendo desenhista, busquei fundamentar este trabalho com referencial teórico (e prático) considerando a trajetória de uma pesquisadora, no campo da antropologia brasileira, que também é desenhista, Karina Kuschnir. Esta autora utiliza do artifício sensível do desenho em suas pesquisas, contribuindo metodologicamente na reflexão da etnografia ao fazer uso deste recurso. A autora articula a etnografia com o fazer artístico, estabelecendo um diálogo entre as áreas da antropologia e da comunicação, considerando sua dupla formação. Identifico em sua trajetória o interesse pela etnografia com desenho como uma forma de experimentação, valendo-se de metodologias qualitativas e outras linguagens imagéticas para situar a discussão na antropologia do sensível.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Para o desenvolvimento deste trabalho busquei materiais da produção da autora. Parto de duas entrevistas dadas por ela, o próprio currículo Lattes, em que define por suas próprias palavras sua trajetória acadêmica e, o seu blog, que segue atualizando até o momento atual.

O blog foi criado em 2013 e apresenta publicações mensais até o presente. O conteúdo está mais relacionado a vida cotidiana e as percepções que a autora tem sobre seu entorno acadêmico, como as relações estabelecidas com seus alunos e colegas professores. Ao acessar seu blog tive contato com as duas entrevistas que utilizei para este trabalho.

Kuschnir teve sua formação inicial no campo da comunicação social, mais especificamente no jornalismo, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, Brasil, no período de 1987 a 1990.

Na comunicação social Karina encontrou a Antropologia. “A teoria da comunicação que aprendemos era dada por professores com Mestrado e Doutorado em antropologia [...] [...] Então me apaixonei pela antropologia através desses professores.” (MELLO, 2019). Ela se formou no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1993, com a dissertação de mestrado intitulada: “Política e Mediação Cultural: um estudo na Câmara Municipal do Rio de Janeiro”, sob orientação de Gilberto Cardoso Alves Velho. Identifica como grandes áreas no seu currículo Lattes: Ciências Humanas, Ciências Políticas, Comunicação e Ciências Sociais Aplicadas, ainda muito articulado com sua formação em Comunicação no Jornalismo. Logo, situando-se entre áreas.

Em um primeiro momento, foi muito conhecida no campo da antropologia política, principalmente por livros como, “O cotidiano da política” (2000) e “Eleições e representação no Rio de Janeiro” (1999).

No Doutorado, ela seguiu com o mesmo orientador, com a tese: “Política e Sociabilidade: um estudo de antropologia social”, defendida em 1998, também pela UFRJ. Com Gilberto Velho, Karina relata seu desenvolvimento pelos métodos de seu orientador em abordar múltiplas áreas, misturando antropologia com literatura, psicanálise, história social e cultural (MELLO, 2019).

Em 2009 e 2011, já como professora Associada do Departamento de Antropologia Cultural do IFCS/UFRJ, onde coordena o Laboratório de Antropologia Urbana (LAU) até os dias de hoje, a antropóloga relata ter vivido experiências de extremos riscos em sua área de pesquisa no campo da política com a ascensão das milícias no Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro, como sublinha a autora. Ela segue refletindo do risco que submeteu a si e às/aos suas/seus estudantes, que a levou a migrar para outra área de pesquisa.

Antes do seu ingresso em comunicação a autora já tinha outras aspirações. A primeira vez que entrou em uma universidade foi para fazer o curso de fotografia, ao qual não concluiu. No início tinha a percepção de que trabalharia a fotografia ou algo ligado a arte, pois já adorava desenhar. Na época prestou vestibular para Desenho Industrial na PUC-Rio, porém o curso era muito técnico, segundo a antropóloga. Esta formação se aproximava mais do campo da engenharia (MACHADO e ROSSIN, 2012).

Em 2011, foi para Portugal, onde lá participou de um evento de desenho urbano, sendo o segundo encontro internacional do grupo *Urban Sketchers*. Participou de palestras sobre o desenho, nas quais Kuschnir conseguiu identificar possíveis ligações com as ciências sociais, embora o evento em si não abordasse diretamente assuntos relacionados ao seu campo de pesquisa.

Ainda na PUC, em Desenho Industrial, fez disciplinas de Comunicação, em que se aproximou mais das teorias da comunicação, entrando, por conseguinte em jornalismo. Assim como cita Kuschnir em entrevista, “o curso de jornalismo era dividido em duas grandes áreas afins, teórica e prática. Quase todos os professores das áreas teóricas eram ou antropólogos ou doutores em áreas afins”. (MACHADO e ROSSIN, 2012). No campo da comunicação, o audiovisual e a fotografia são elementos inerentes do jornalismo, com exceção da rádio. Karina reforça sua relação com essas metodologias, ainda que não centrais em suas pesquisas, sempre estiveram presentes em seus trabalhos.

Nos últimos anos tem direcionado suas pesquisas e o ensino da utilização do desenho como recurso metodológico para realização de pesquisas etnográficas.

Atualmente ela faz publicações em seu blog, “Karina Kuschnir - desenhos, textos, coisa”, que segundo ela, surgiu na vontade de poder unir textos e desenhos, de forma a forçar-se a desenhar e escrever semanalmente. Atualmente conta com publicações mensais, tendo a última publicação em 04 de julho de 2025 (acessado 15/08/2025).

Nasci de minha mãe, ou fui achada numa lata de lixo — é que as fontes históricas divergem bastante (minha certidão ou meus irmãos mais velhos).

Na infância, meu objetivo era saber colorir direito, dentro da linha, sem borrar, como minha tia Bianca. Depois ampliei meus horizontes e passei a cortar as cortinas da casa para fazer colagens e misturas com tinta guache bem molhada. (Os adultos não gostaram nada daquilo.) (KUSCHNIR, 2022)

Um dos assuntos que Karina muito aborda em seu blog é sobre problemas agravados pela vida acadêmica e a saúde mental, tendo o ambiente acadêmico um espaço que gera muitos problemas na vida dos/as estudantes e dos/as professores/as.

Citando Joaquim Pais Brito, reforça a riqueza da experimentação, para novos campos de significação, e que cada olhar tem suas particularidades, como histórias de vida, sensibilidades, proporcionando maneiras diversas de ler e enxergar o mundo, buscando o conhecimento através de múltiplas linguagens.

Ela faz referência de uma exposição de Brito, no Museu Nacional de Etnologia de Lisboa, realizada em 2009, intitulada “desenhar para ver: o encontro de Bárbara Assis Pacheco com as galerias da Amazônia”, no qual identifica no próprio título uma aproximação “artista-objeto” – “desenhar para ver” – em que segue percorrendo, “desenhar para conhecer, compreender, se apropriar, narrar, produzir”. (KUSCHNIR, 2011)

Este foi um artigo que ela usou para descrever sua experiência do encontro internacional de “desenhadores”, no evento chamado “Urban Sketchers”, que ocorreu em Lisboa, Portugal, no ano de 2011, em que estiveram presentes cerca de 250 “desenhadores urbanos”.

Nele a autora relata a extensão do USK (Urban Sketchers), tendo membros em mais de 50 países, e blogs gerados a partir do surgimento do primeiro blog de mesmo nome, criado pelo ilustrador-jornalista, Gabriel Campanario, espanhol radicado nos Estados Unidos. Abrindo caminhos para criação de entorno de 25 outros blogs, como o USK-Portugal, USK-Argentina etc., revelando uma rede de artistas. Em 2009 originou-se ONG sem fins lucrativos, também com nome de USK, com objetivos de promover eventos e levantar fundos para oferta de bolsas para artistas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho busca trazer a trajetória da antropóloga e desenhista Karina Kuschnir, investigando os percalços e desafios que a levaram a confluência entre as áreas comunicação-ciências sociais. Retomando o conceito de teoria vivida de Peirano, busquei relacionar uma autora próxima do fazer artístico, por intermédio do desenho, ao qual tenho tamanho apreço, no movimento de conseguir a partir daqui mais e mais na minha própria trajetória.

As inovações identificadas no trabalho foram, a de observar as contribuições potenciais de metodologias sensoriais como o desenho, atividade que contribui para percepções de elementos sensíveis pertinentes a etnografia, articulando reflexividade e alteridade no encontro com o outro.

Aproximo este trabalho das reflexões e práticas do grupo de estudos recém-nascido, no curso de Ciências Sociais, constituído por mim, Bruno, Kálita e Marino, no anseio de pesquisar e desenvolver trabalhos artísticos como charges, cartuns, caricaturas e tirinhas. Refletindo sobre nosso posicionamento entre o disciplinamento científico e a imaginação criadora, articulando as ciências sociais com nosso fazer artístico. Na perspectiva da observação da trajetória da “antropóloga-desenhadora” (estou livremente atribuindo esta denominação a ela), percebe-se o movimento de pertencer a esta rede conectada com artistas de diversos países, em que sua expressão artística e suas produções acadêmicas são expressões de sua teoria vivida.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KUSCHNIR, Karina. A antropologia como uma forma de olhar o mundo: uma conversa com Karina Kuschnir. Entrevista concedida a Diana B. Mello. Kula. Antropología y Ciencias Sociales, Buenos Aires, n. 20/21, pág. 22 a 29, dez. 2019

KUSCHNIR, Karina. A antropologia e o audiovisual: entrevista com Karina Kuschnir. Entrevista concedida a Bárbara Machado e Bárbara Rossin. Revista Habitus. Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, pág. 168 a 174, dez. 2012.

KUSCHNIR, Karina. Currículo Lattes. Brasília: CNPq, 2024. Disponível em: <https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do>. Acesso em: 18 ago. 2025.

KUSCHNIR, Karina. De mim. karina kuschnir, Rio de Janeiro, jan. 2022. Disponível em: <https://karinakuschnir.com/de-mim/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

KUSCHNIR, Karina. Desenhando a cidade: Proposta para um estudo etnográfico no Rio de Janeiro. Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology. Rio de Janeiro, n. 2, v. 8, pág. 609 a 642, 2011.

PEIRANO, Mariza. A Antropologia *at home*. In: **A teoria vivida e outros ensaios de Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 37-52, 2006.